

O Pulso de África

Texto de Jared Diamond

Peça a alguém que lhe diga o que associa a África e a resposta vai variar entre o “berço da humanidade”, “animais de grande porte”, “pobreza” e “tribalismo.” Como consegue um continente encarnar facetas tão diferentes?

A geografia e a história explicam muito. Este é o único continente que se estende pelas zonas temperadas do Norte e do Sul; possui uma larga área central tropical no meio de duas estreitas zonas temperadas, uma a norte e outra a sul. Essa simples realidade geográfica explica muito sobre a África da actualidade.

Quanto à história do homem, este é o local onde há sete milhões de anos as linhas evolucionárias dos primatas e dos pré-hominídeos divergiram. Foi o único continente que os nossos antepassados habitaram até há cerca de dois milhões de anos, quando o *Homo erectus* se expandiu de África para a Europa e para a Ásia. No milhão e meio de anos que se seguiram, a população desses três continentes realizou percursos evolucionários tão distintos, que daí resultaram espécies diferentes. Os da Europa tornaram-se os homens de Neandertal, os da Ásia continuaram a ser os *Homo erectus*, mas os de África evoluíram na nossa espécie, o *Homo sapiens*. Entretanto, entre 100 e 50 mil anos atrás, os nossos antepassados africanos sofreram uma mudança ainda

mais profunda. Não temos a certeza se terá sido o desenvolvimento do discurso complexo ou qualquer outra faceta, como uma alteração do funcionamento neurológico. Fosse o que fosse, ela transformou os primeiros *Homo sapiens* naquilo a que os paleoantropólogos chamam o “comportamentalmente moderno” *homo sapiens*. Esses indivíduos, provavelmente com o cérebro semelhante ao nosso, voltaram a expandir-se para a Europa e para a Ásia. Uma vez lá chegados, exterminaram, substituíram e misturaram-se com Neandertais e hominídeos asiáticos, tornando-se a espécie humana dominante em todo o mundo.

Com efeito, os africanos tiveram um enorme avanço em relação aos seres humanos de outros continentes. É isso que torna as dificuldades económicas de África, comparadas com o êxito de outros continentes, particularmente intrigantes. Uma vez mais, nesta questão, a geografia e a história dão-nos respostas.

O mundo mudou radicalmente há cerca de dez mil anos, com a génese da agricultura. A domesticação de plantas e



Arte rupestre criada há cerca de 2.500 anos resiste na região montanhosa do Air (Níger) e em outras partes do Saara Central.

animais selvagens proporcionou aos nossos antepassados a possibilidade de produzir os seus próprios alimentos, escapando à obrigatoriedade de caçar e de recolher. Essa vantagem permitiu o estabelecimento de comunidades em aldeias permanentes, aumentando populações e “gerando” tarefas e indivíduos especializados (inventores, soldados e soberanos), que não produziam comida. Com a domesticação, surgiram outros avanços, incluindo os primeiros instrumentos de metal, a escrita e as sociedades estatais.

Todavia, apesar deste avanço agrícola, apenas uma minúscula minoria de plantas e de animais selvagens se prestam à domesticação e essas estão concentradas em cerca de meia dúzia de zonas do mundo. A exploração agrícola mais produtiva surgiu no Crescente Fértil, no Sudoeste Asiático, onde o trigo, a cevada, as ovelhas, o gado bovino e as cabras eram domesticados. Essas plantas e animais espalharam-se para este e oeste na Eurásia, mas em África foram detidos pela orientação norte-sul do continente. Culturas agrícolas e explorações

de gado têm tendência a distribuir-se muito mais devagar de norte para sul do que de este para oeste, porque diferentes latitudes requerem adaptações climáticas, sazonalidades, diferentes horários diurnos e novas doenças.

As próprias espécies de plantas endémicas de África só foram domesticadas milhares de anos depois de existir agricultura na Ásia e na Europa. E a geografia de África impediu que o óleo de palma, o inhame e outros produtos da África Equatorial se espalhassem para a zona temperada da África Austral.

As ovelhas e bovinos domesticados das origens do Crescente Fértil levaram cerca de cinco mil anos até se distribuírem desde o mar Mediterrâneo e Norte de África até à extremidade sul de África. Os próprios animais endémicos do continente apresentaram dificuldades de domesticação.

Ironicamente, a longa presença humana em África é provavelmente a razão pela qual as espécies de animais de grande porte sobrevivem ainda hoje. Os animais africanos

evoluíram em conjunto com os humanos durante milhões de anos. Isso deu-lhes tempo para aprender a sentir um receio saudável pelo homem. Por oposição, a América do Norte e do Sul e a Oceânia foram ocupadas pelo homem apenas nas últimas dezenas de milhares de anos. Para infelicidade dos animais de grande porte desses continentes, os primeiros humanos que encontraram representavam já culturas modernas, com cérebros desenvolvidos e tecnologias evoluídas de caça. Populações de espécies de grande porte terão sido exterminadas antes de terem tempo para aprender a recear os caçadores.

Infelizmente, a longa presença humana em África encorajou também a eclosão de doenças. O continente tem a reputação bem merecida de ter gerado algumas das mais terríveis: malária, febre-amarela, a SIDA. Estas e muitas outras doenças humanas surgiram quando micróbios causadores de doenças nos animais evoluíram e atacaram também o homem. Para um micróbio já adaptado a uma espécie, adaptar-se a outra pode ser difícil e requer muito tempo evolucionário. Em África, essa disponibilidade de tempo foi maior do que em qualquer outra parte do planeta. Esta é metade da resposta sobre a eclosão das doenças em África. A outra metade deve-se aos nossos parentes primatas: a espécie animal mais próxima dos seres humanos (aquela para a qual os micróbios necessitaram de uma

menor adaptação para mudar de espécie) são os símios e os grandes primatas africanos.

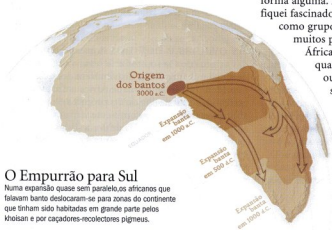
África continua a ser moldada de maneiras diferentes pela sua longa história e pela sua geografia. Dos dez países mais ricos da África continental, nove encontram-se parcial ou inteiramente dentro das zonas temperadas: o Egipto, a Líbia, a Tunísia, a Argélia, e Marrocos a norte; a Suazilândia, a África do Sul, o Botswana e a Namíbia a sul. O Gabão é o único país tropical de África que consta na lista. Além disso, perto de um terço dos países do continente africano (15 em 47) são rodeados de terra, e o único rio

África continua a ser moldada pela sua longa história e pela sua geografia.

africano navegável a partir do oceano até grandes distâncias no interior é o Nilo. Como as vias marítimas são a maneira mais barata de transportar produtos pesados, a geografia tolhe, mais uma vez, inapelavelmente, o progresso de África.

Todos estes factores podem levar à questão: estará o continente, ou, pelo menos, a sua grande parte central tropical, eternamente condenado à guerra, à pobreza e a doenças devastadoras? Eu responderia: de forma alguma. Nas visitas que fiz a África, fiquei fascinado pela forma harmoniosa como grupos étnicos coexistem em muitos países. As tensões crescem em África, como em todo o lado, quando as pessoas não vêem outra saída da pobreza a não ser lutar contra os vizinhos por recursos em desaparecimento.

No entanto, muitas zonas de África possuem grande abundância de recursos: os rios da África Central são



O Empurrão para Sul

Numa expansão quase sem paralelo, os africanos que falavam banto deslocaram-se para zonas do continente que tinham sido habitadas em grande parte pelos khoisan e por caçadores-recolectores pigmeus.

